

APRESENTAÇÃO

Nesta edição da Revista damos enfoque à canção em suas diversas facetas. De modo simplificado, a canção pode ser conceituada como um artefato semiótico construído pela articulação entre um texto verbal e um percurso rítmico-melódico, cuja realização é efetivada pela voz. Sendo uma das principais modalidades de comunicação poética tanto nas culturas tradicionais quanto na oralidade contemporânea, constitui-se um objeto relevante para os estudos de poéticas orais. Devido à sua estrutura semioticamente multifacetada, à enorme variedade de suas vertentes e formatos, bem como à amplitude de sua presença na cultura mediatizada desde o início do século XX, a canção tornou-se um tópico de pesquisa prestigiado nas áreas de letras, musicologia, antropologia, sociologia, história, comunicação e outras. Tal diversidade de abordagens pode ser vislumbrada na seção temática deste número da Revista Boitató.

O artigo de Stéphane Hirschi, da *Université de Valenciennes*, retoma questões basilares aos estudos da canção como os conceitos de “canção”, “melodia” e “canção viva”. O autor sublinha a especificidade da linguagem da canção, que não se confunde com poesia musicalizada. Para ilustrar as suas ideias, Hirschi utiliza duas versões do poema “Canção” de Rimbaud. Todavia, o mote principal do artigo é “como analisar uma canção” e, para isso, o autor faz uso de uma canção francesa largamente conhecida: *Ne me quitte pas* (Não me deixes).

Em seguida, no âmbito da canção nacional e popular, Felipe Trotta, da Universidade Federal Fluminense, trata da canção “Fugidinha”, *hit* de sucesso massivo até bem pouco tempo. Neste artigo, o autor trata do trânsito da canção entre o pagode e o sertanejo, sua ambiguidade estilística e a crescente valorização da periferia através da reelaboração de estereótipos.

Passando do pagode e sertanejo brasileiros para o *Heavy Metal* de Blaze Bayley, King Goat e outros, o artigo de Flavio Pereira Senra e Rafael Ottati aborda a dialética da mundanidade *versus* o messianismo incutido nas canções e no estilo musical em questão. Os autores discutem esses arquétipos a partir da simbologia e do mito do messias em contraponto ao mundano presente nas relações humanas.

Na sequência, Adelaine LaGuardia e Raimundo Sousa discutem o papel da canção e da poesia na constituição do nacionalismo irlandês. No artigo “Instrumentalidade do nacionalismo irlandês” aborda-se o modo pelo qual as formas populares produzidas na Irlanda do século XIX e início do XX contribuíram para o sentimento de nacionalidade.

Encerrando a seção temática desta edição temos o artigo de Judson Lima, da Universidade Federal do Paraná, que discute o conceito de voz-melodia. Lima trata aqui da voz realizada em performance, apontando para os elementos significativos da canção e refutando os estudos puramente musicais ou literários que cercam a canção e dão a ela uma dimensão parcial, sem vê-la como um todo coeso e indissociável.

Abrindo a seção livre da Revista, José Guilherme Fernandes, da Universidade Federal do Pará, trata da composição do texto narrativo, tanto oral como escrito, como produto de versões ficcionais manipuladas pelo narrador, o qual faz uso de memórias, esquecimentos e silenciamentos. Tal composição ficcional se dá a partir dos trânsitos entre público e privado, memória subterrânea e coletiva e entre estrutura e história que o autor busca contemplar em seu artigo.

Em seguida, Mara Regina Pacheco estuda as marcas do “entre-lugar” em três contos do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo, à luz de conceitos como diáspora, hibridismo, mestiçagem, transculturação e multiculturalismo, dentre outros, a partir da constituição de uma “comarca oral” latino-americana específica: a porção sul-mato-grossense da fronteira entre Brasil e Paraguai.

Carolina Veloso, em seu artigo intitulado *O falso cego da Ilha dos Marinheiros: romance de tradição oral*, analisa diacronicamente o romance de tradição oral *O cego da Ilha dos Marinheiros* no Rio Grande do Sul. A pesquisadora realiza tal estudo comparando a versão do romance de 1532 com suas múltiplas versões, coletadas em 2011, na Ilha gaúcha.

Por seu turno, Juliana Mastelini Moyses trabalha em seu artigo com o programa *Audiretratos* – histórias de vida no rádio – da UEL FM, mostrando a construção da narrativa a partir dos sons, silêncio e palavras para formar o “retrato sonoro” constituído por entrevistador e entrevistado do programa radiofônico.

Finalizando a presente edição da Boitató, Jerônimo da Silva e Silva, em seu artigo intitulado *Falando as línguas da mata: narrativas orais em cosmologias*

amazônicas acompanha as memórias das rezadeiras a partir de entrevistas orais feitas com dona Ângela (Maria Pajé), moradora do nordeste do Estado do Pará. Desta feita, o autor descreve a história familiar, suas experiências migratórias, seus dons e ofícios mágico-terapêuticos.

Desejamos aos nossos leitores que nos acompanham neste 16º número da Revista que as leituras sejam interessantes e que continuem a instigar as discussões acerca da oralidade em seus mais diversos aspectos. Boa leitura!

Alexandre Ranieri,
Alexandre Vilas Boas da Silva,
Mauren Pavão Przybylski.